

MEMÓRIA: UM OLHAR SOBRE A VIDA NO ASSENTAMENTO PE. JOSIMO TAVARES – CONCEIÇÃO DO ARAGUIA/PA

Elizangela R.L.O.Rocha¹

Táisa M. Brosler²

Sonia M.P.P.Bergamasco³

Resumo: O presente trabalho busca na contemporaneidade novos caminhos perante os desafios para a inserção da mulher nos processos políticos, sociais e econômicos, no que tange os projetos agrários dos assentamentos rurais no Brasil. Caminhos esses que, no cultivar da vida, perpassam as políticas públicas destinadas à Reforma Agrária, abrangendo a vida e o cotidiano com repercussões que se firmam na memória e nos ressentimentos manifestados pelas mulheres. O estudo da memória tanto individual como coletiva é o que delinea as visões de mundo, tornado peculiar cada assentamento ou acampamento, ajudando na construção de histórias e trajetórias. As respostas foram alcançadas através da pesquisa de campo-convivência realizada no Assentamento Pe. Josimo Tavares – Conceição do Araguaia (PA); e adicionadas de entrevistas ancoradas na técnica da história oral.

Introdução

O texto do historiador tem, pois, uma pretensão à verdade e refere-se a um passado real, mas toda estratégia narrativa de refigurar essa temporalidade já transcorrida envolve representação e reconstrução. A reconstrução se dá porquê na medida em que se propõe a reinscrever o tempo que foi vivido no tempo em que se escreve a narrativa, ocorrem variações imaginativas para possibilitar reconhecimento e identificação. Representação devida à colocação da narrativa histórica no lugar do que foi ocorrido, ou seja, o acontecido foi ressignificado no tempo de quem escreve. Dessa forma, o texto histórico se configura no que pode ter ocorrido, sendo apenas rememorável e não experimentado no tempo vivido e ocorrido.

Dentro dos aparatos da nova história cultural, vamos adentrar no campo das sensibilidades, da memória e dos ressentimentos, para trabalhar a memória, usaremos o conceito de Henri Bérghson, abordado por Ecléa Bosi em seu livro *Memória e Sociedade* (2003). Memória essa que carrega significado e ressignifica o passado evocado e lembrado. Atrelada a memória os ressentimentos se delinham na história de vida e são caracterizados pela dor, inveja, medo, angústia, sonhos que trazem consigo o nostálgico e o melancólico (ANSART, 2004, p19).

¹ Graduada; história. UCG; elizangelaloliveira@gmail.com

² Mestranda. FEAGRI/UNICAMP taisa.brosler@gmail.com

³ Professora Titular. FEAGRI/UNICAMP Sonia@feagri.unicamp.br

esse estudo pretende demonstrar que a conquista da terra de trabalho é vivenciada coletivamente, produzindo histórias de vida e memórias que guardam a história do vivido. A conquista da terra como forma de trabalho é propulsora de experiências individuais e coletivas que demonstram através da história de vida, problemáticas que perpassam a convivência coletiva, partindo para particularidades.

As experiências de vida demonstram em si, a vivência desses agricultores e as políticas públicas a eles aplicadas. Assim como, pela fala das mulheres, a forma como elas são implantadas no Assentamento Pe. Josimo, a assistência técnica destinada pelo governo e a aplicação das mesmas no ambiente de um assentamento rural e suas respectivas implicações.

Para o desenrolar da pesquisa, dentre as fontes dispomos do uso da técnica da história oral e das fontes documentais produzidas por esta, que conforme afirma Verena Alberti (2004 p.31)

[...] sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória. O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no(s) momento(s) em que é recordado. Isso não quer dizer – e as ciências da psique já o disseram – que tudo o que é importante é recordado; ao contrário, muitas vezes esquecemos, deliberada ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância [...].

A relevância do uso da história oral se faz na medida em que é uma importante ferramenta de aproximação de histórias não documentadas pelos modelos historiográficos tradicionais, e o acesso às fontes produzidas por sujeitos históricos que vivem determinadas faces da história.

Para a pesquisa foram entrevistadas cinco mulheres no período de 2007 a 08/2008 moradoras do Assentamento Pe. Josímo Tavares, quatro dessas mulheres apresentam idade entre 50 e 60 anos, e por si mesmas já angariam para o presente trabalho uma experiência de vida mais longa, uma delas tem 24 anos, mas apesar de décadas diferenciando a idade dentre as outras não impõe uma diferença nas narrativas no que tange suas memórias e ressentimentos. Outro aspecto das entrevistadas é que todas são vizinhas, esse fator é fundamental devido à organização das mesmas na criação do grupo de mulheres no presente local e seus desejos coletivos.

Essa escrita resulta de uma experiência vivenciada com as mulheres do assentamento Pe. Josimo Tavares localizado no Município de Conceição do Araguaia PA. A pesquisa de campo por tratar de um contado mais direto com a fonte e objeto pesquisado proporciona ao historiador experiências que vão além do conhecimento empírico, tais experiências permitem um novo olhar que claro como sol que ilumina o escuro faz surgir da névoa cinzenta a expectativa e a possibilidade da construção de uma história também límpida daqueles que por muito tempo e ainda às vezes encontram-se no obscurantismo da escrita histórica.

É sobre a experiência de vida das mulheres desse lugar, onde a memória ainda encontra seus resquícios de vivência, que propomos a aplicabilidade do estudo empírico dos conceitos de memória e ressentimento que tais sujeitos carregam durante suas vidas, vidas essas marcadas por discursos que nem sempre levaram em consideração suas perspectivas para o cultivar da vida.

Memória: Uma questão intrínseca ao ser humano.

A memória carrega significados e ressignifica o passado evocado e lembrado, pertence ao tempo, tempo de lembrar e de narrar, esquecer e relembrar o tempo vivido. Assim, o estudo da memória evoca um passado não representado ou rememorado pela história, e um passado que guarda particularidades nas lembranças daqueles que viveu o passado.

A memória configura-se enquanto tem-se a imagem do corpo em ação, ou seja, no presente, o corpo e as imagens interagem sobre o ambiente, combinando ação e reação. Assim, forma-se um contexto de imagem – cérebro – representação, na qual a imagem suscitada permanece nele, é o que conhecemos por percepção. de um (BOSI 2003, p. 48)

A memória permite a relação do corpo presente com o passado, e ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações, assim, “memória seria o lado subjetivo de nossos conhecimentos das coisas e a lembrança concerne à concepção complexa e concreta das coisas” (BOSI 2003, p. 48).

Ao estudar os quadros da memória, Halbwachs vai afirmar que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, a igreja, ou seja, os grupos de convivência e os grupos peculiares a esse indivíduo. Ele vai realçar a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Dessa forma, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as

experiências do passado. A lembrança constitui assim, em imagem construída e desconfigurada pelos materiais que estão no tempo presente disponíveis no conjunto das representações que povoam a consciência no momento atual da lembrança. O amarrar da memória do passado á memória do grupo, vai ocorrer pela presença de estímulos e ações do cotidiano, que através da linguagem, que carrega dados coletivos que compõem o universo da memória. apud (BOSI: 2003 p. 59).

Ao termo ressentimento designam-se os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, são algumas das representações atribuídas a esta palavra. No que tange a memória dos ressentimentos (ANSART 2004, p. 29) nos coloca essa questão como mais delicada e a apresenta como a memória que o indivíduo carrega de seus próprios ressentimentos e a memória que conserva dos ressentimentos daquele de quem foi vítima, dessa forma, ele distingue atitudes possíveis que atravessam ao mesmo tempo a memória individual e coletiva.

A primeira delas é a tentação do esquecimento na qual afirma que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos, considera que estes são mais incertos, quando não mais vividos e sentidos, assim, o indivíduo tem a tendência de evitar seus próprios ódios quando a história os tornou caducos. Outra atitude diz respeito à rememoração na qual a tentação do esquecimento dos ressentimentos, que é também uma estratégia de apaziguamento, suscita a irritação de muitos para os quais os ódios de que forma vítimas estendem suas conseqüências no presente. (ANSART, 2004 p. 31)

Imersos a esses quadros de articulação da memória os indivíduos constituem-se em andarilhos nos trilhos do desconhecido e sensível, ancorando seus barcos em quimeras, regozizam suas experiências boas ou ruins na sombra do passado no momento presente.

Assentamento Pe. Josimo Tavares: A construção de um lugar e a esperança de um povo.

O assentamento Pe. Josimo Tavares foi criado juridicamente pela Portaria INCRA/ N° 358 de 20 de maio 1994, publicada no D.O.U. de 24 de maio de 1994, apresenta em seu texto a aprovação do Projeto de Assentamento Pe. Josimo Tavares com Código SIPRA MB0119000 imputado a Superintendência Regional em articulação com a Diretoria do assentamento a sua implantação e o seu desenvolvimento.

A destinação do imóvel rural: Fazenda Tainá-Rekã, mais conhecida entre seus atuais moradores como Fazenda Bradesco, com área aproximada de 60.655.7060 há (sessenta mil, seiscentos e cinqüenta e cinco hectares, setenta ares e sessenta centiares), localizada no Município de Conceição do Araguaia, (1094 km) de Belém, capital do Estado do Pará foi desapropriada para implantação do projeto agrícola que previu 1.488 (hum mil quatrocentos e oitenta e oito), unidades agrícolas familiares e a implantação de infra-estrutura física necessária ao desenvolvimento da comunidade rural. Essa mesma Portaria autorizava o Agrupamento de Assentamento a promover as modificações e adaptações que, no curso de execução se fizerem necessárias para a consecução dos objetivos do Projeto.

A ocupação se deu nas terras pertencentes à fazenda Bradesco, denominação mais conhecida entre seus moradores, à desapropriação ocorreu em 1997 para que as famílias singularizadas pelo termo “sem terra” fossem assentadas.

A área da fazenda foi dividida em duas: O assentamento foi construído em 30,1 mil hectares e a outra parte é considerada reserva que está sob tutela do IBAMA.

Com o nome de Pe. Josímo Tavares, esse assentamento expressa a luta campesina das comunidades locais e os embates entre a via campesina e a grande propriedade privada, assim como os elementos que compõe o processo de apossamento da terra, pistolagem e grilagem de terras.

Essas semelhanças são percebidas tanto na trajetória de luta que o Pe. Josímo Tavares desenvolveu na região, conhecida como Bico do Papagaio, quanto pelos grupos sociais que reivindicavam e reivindicam a reforma agrária na região. Pe. Josimo Tavares também influenciou outros membros das comunidades em que trabalhou é o caso de Raimunda Gomes da Silva, mais conhecida como Raimunda dos cocos, atuante na região do Bico do Papagaio, essa mulher nos dias atuais é uma das mais expressivas lideranças das trabalhadoras extrativistas da região norte.

Sacerdote e membro da Comissão da Pastoral da Terra, Pe. Josimo Morais Tavares (1953-86) atuava na região do Bico do Papagaio, Tocantins. Ele pregava a justiça e a paz ao lado dos menos favorecidos.

Pe. Josímo Morais Tavares (1953,86) foi assassinado por um pistoleiro, no dia 10 de maio de 1986, na cidade de Imperatriz (MA) que segundo os autores Bernardo Mançano Fernandes e João Pedro Stedile (1999, p. 68) foi a mando de fazendeiros da UDR.

Essa breve análise da vida de Josimo Morais Tavares, sujeito considerado histórico e mártir, demonstra um pouco da realidade vivida pela comunidade posseira da região e da construção de uma memória coletiva que reflete os conflitos pela apropriação da terra.

O assentamento Pe. Josimo Tavares faz parte de um processo de desapropriação de terra advindo antes de tudo da luta e persistência de um grupo que reivindica direitos sociais garantidos constitucionalmente. A priori, os grupos formados por famílias acamparam em frente à sede da fazenda Bradesco onde passaram meses aguardando o processo de desapropriação.

Durante esse tempo decorrem-se muitos fatos ligados a questões internas do movimento dos acampados, nesses aglomerados os problemas sociais afloram-se mostrando as mazelas decorrentes da ação. Na experiência de acampamento da Senhora Neutina Lima Guimarães Costa¹ em entrevista cedida dia 27 de julho de 2008, ela nos conta o seguinte:

[...] nesse acampamento nós sofreu demais, só eu com aquele menino, o Leonardo, ele tinha um ano de nascido. Menina, a gente ia buscar água pro acampamento era quilômetro, pra nós ir buscar água inda era olhando prum lado e pro outro, pistoleiro pra todo lado com as armas metida. Tinha uma cerca que nós passava beirano pra ir pra essa fonte, chei de pistoleiro, é nós num tirava um gáí de foia do lado da cerca pra la, que era do lado daqui da Bradesco, nós ficou acampado na terra do Dr. Carlo, já beirano a cerca pra entrar pra cá, que pra lá no entrava não que pistoleiro tava. Aí nós ia muié, buscar água e eu com aquele menino nas costa, Inda tinha horário marcado que é por dono pegar água, o nosso horário era de nove até onze da manha, é o horário quente, aí de duas até três, que era hora de tarde de pegar água pra puder banhar e tudo, e aí voltava pra traz, e eu com aquele menino nas costa e uma lata d'água na cabeça e era tudo correndo que era muita gente [...].

Com essa narração percebemos um pouco das dificuldades enfrentadas durante a estadia no acampamento, para tanto, ela demonstra mais que isso, certa distribuição dos afazeres, na qual fica clara que era a mulher a responsável por abastecer o acampamento com a água com uma participação um pouco distante dos problemas políticos que também se afloram.

Outra questão é a insegurança e a ameaça constante de jagunços que por se tratar de uma experiência, uma prática vivenciada, ficará na memória dessas mulheres e das crianças por longas datas.

¹ A senhora Neutina Lima Guimarães Costa. Entrevistada no dia 27 de julho de 2008 no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia-PA.

O problema mais comum era o de alimentar tanta gente, com o pouco alimento que era conseguido através de doações tanto do INCRA, como de parentes da cidade. Conforme ainda a senhora Neutina, citada acima, havia muita gente no acampamento, aproximadamente umas quinhentas famílias que se abrigavam em casas de plástico, a comida, no caso dela, era a filha que mandava, pois esta trabalhava na cidade. Com o passar do tempo, a cooperativa, o povo pedindo na rua e a ajuda segundo ela dos “grandes” que estavam envolvidos no movimento já estavam ajudando. Na fala dessa senhora fica explícita uma marca em sua memória, a do ressentimento e angústia quando expõe tal realidade. Ela se coloca assim, diante dessa situação:

[...] arrumaram uma cooperativinha, aí traziam comida, e aí a gente pegava com humilhação um pouquinho de açúcar, só a quantia do dia, aí foi levando até, quando nós entramo pra qui pra dentro [...].(Neutina, 27/07/2008)

Conforme as normas, inscritas em seus manuais e outros discursos, o dia num acampamento deve iniciar com a reunião das várias “comissões” – divididas em: Saúde, Alimentação, Educação, Higiene, Segurança, Produção e Finanças – seguidas pela reunião dos líderes dos núcleos. Cada núcleo é composto por um numero de famílias que vai depender do acampamento ou assentamento, geralmente reúne as famílias do grupo que coordena informando e discutindo as questões do acampamento, inclusive a distribuição de tarefas. (SILVA 2004, p. 63), apesar dessa estrutura organizacional detectada nos acampamentos e assentamentos observados, podemos perceber que nem sempre isso é sinônimo de garantia e condições mais confortáveis, ou melhor, menos fustigante e doído para aqueles que experenciam tal realidade. E isso fica claro tanto na fala da senhora Neutina, como de Eliane², (SILVA, 2004, p. 63)

[...] Deus do céu, muitas vezes tu acordar com um pelo na cabeça e sabendo que era uma bola de água que caía da lona em cima, foi muito sofrido, Deus nos livre! E o sereno da madrugada que era gotas de água no corpo quente que chegava a levantar um bafo assim, do corpo debaixo das cobertas da gente deitado. Mas hoje a gente fica feliz, os parentes todos assentados, apesar de todo o sofrimento que a gente teve foi bom [...]. (Eliane, 03/09/1999.).

² Eliane casada, três filhos. Entrevista de 03/09/1999. Dionísio Cerqueira/SC).

Há também rumores de violência, as mulheres quando não estão nos acampamentos com os maridos, ficam preocupadas devido às brigas que poderiam ocorrer no local; para, além disso, a constante vigilância dos jagunços que faziam a fronteira entre os acampados e a propriedade almejada.

O processo de assentamento das famílias passou pela divisão da terra onde cada família recebeu aproximadamente 14 hectares dessa área, os critérios dessa divisão ainda não estão bem claros para os moradores e as dificuldades para instalação das famílias nos locais destinados pelo INCRA são percebíveis no decorrer da instalação na área desapropriada.

Ao chegar à área destinada as famílias apesar de realizar o sonho de ter e estar na terra, enfrentam as adversidades advindas do lugar e da própria estrutura do processo de assentamento. Tais experiências que ao longo do tempo foram sentidas e vividas por essas pessoas fazem parte de suas memórias como um período de muitas dificuldades e labuta.

[...] Nós entramo pra qui pra dentro, e ai, daí pra cá nós vei sofrendo, chagamo aqui num tinha nada, só mata, água de jeito nenhum. O INCRA num ajudou ninguém, só fez cortar e dizer mermo que é aqui, esse pedaço é seu, ta aqui no mapa e aí é picada, só mesmo pra dizer e pra mostrar o rumo, aí que nós fumo se virar, essa muita água que tem aí hoje, num tinha não, as casa nossa era ali de baixo, ali onde é o córrego, aquele córrego ali, era cheio de barraco. E hoje já tem umas quatro família que usa dessa água [...]. (Neutina, 27/07/2008).

Essas declarações então em constante confronto com os objetivos previstos pela Portaria. Como podemos perceber, as atitudes primeiras no que tange a estruturação do local de moradia ficam desguarnecidas pelos órgãos para quais são imputados tais habilidades.

Já as dificuldades que dizem respeito ao transporte oferecido à região estão relacionadas a camionetas mais conhecidas como “pau-de-arara” e dois ônibus em condições precárias, cabe salientar que cada ônibus faz uma rota diferente e que nem sempre adentravam alguns lugares devido à precariedade das estradas que em muitos casos foram abertas por madeireiros. Uma rota percorre a estrada que leva a sede da fazenda, a outra rota faz o caminho que fica próximo à reserva ambiental.

Essa realidade já foi mais difícil, nos primeiros anos de assentamento a fala da senhora Neutina nos mostra o seguinte:

[...] Nós sofreu muito, ai nós botamo roça, nós tinha a assistência da COPATIORÔ, era cooperativa do Estado, esses que ainda deu assistência pra nós, que ficava aqui dentro, que aqui dentro não andava carro, aqui não tinha estrada mermo; era nove km de pé, que nós tirava era de pé, era pra chegar à Pamonha pra poder pegar um carro ou então ir pra Sede, porque aqui quem ainda entrava quando vinha entrar era esse povo da COPATIORÔ, e entrava, tinha vez que deixava o carro aí por 2 km, que num dava pra entrar, aí vinha a pé, eles orientaro muito nós, que era pra isso que era pra aquilo, que eles tava era por conta do governo, que nós ia aparecer, mas nós ia pagar, entro mesmo, Cuma o negócio dessa Copivag e da Emater [...].(Neutina, 27/07/2008).

A falta de infra-estrutura que, aliás, constitui um problema até os dias atuais, expressam a pontualidade com que os preceitos citados, porém, não descritos claramente na Portaria de criação do Assentamento são cumpridos.

No ano de 1997 e nos seguintes as famílias levavam tudo que conseguiam objetos domiciliares e muitas vezes caminhavam cerca de 7 a 10 km do ponto na estrada em que os veículos de transporte passam até as suas residências. No começo alguns moradores fizeram várias derrubadas, venderam madeira, construíram suas casas da madeira extraída do lote de terra cedido e conviviam com os famosos madeireiros que passaram a extrair madeira ilegalmente, tanto da região que foi loteada quanto da área destinada à reserva ambiental.

No decorrer dos anos os projetos de desenvolvimento foram chegando, as famílias receberam crédito moradia cujas transações são realizadas pelo (BBC) Banco do Brasil, no Município de Conceição do Araguaia (PA), com isso, abriram mais estradas e construíram pontes de madeira sobre os córregos que cortam as terras.

Uma outra questão pertinente é que as famílias encontram certas dificuldades para lidarem com a terra, dentro de uma perspectiva de nicho econômico. Os problemas advindos do período de seca que atinge a região no segundo semestre do ano adentrando os primeiros meses do ano seguinte, e que causa a morte de animais, que no caso da região o gado, faz com que as os poços de água sequem e os incêndios muitas vezes de perfil criminoso, considerando as regras de assoreamento que é exigida pelo IBAMA e outros órgãos pertinentes, passam a ser uma ameaça para os moradores e para a reserva ambiental.

Alguns projetos oferecidos pelas cooperativas EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e COPIVAG (Cooperativa de Assistência

Técnica de Extensão Rural) já se tornaram hoje um problema devido ao uso do crédito sem a obtenção de resultados no tipo de produção proposta. Os moradores são incentivados a pegar os planos de empréstimos oferecidos pelo governo, entre esses empréstimos o mais usado é o PRONAF, (Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar), e não conseguem durante o tempo determinado na maioria das vezes, efetuar o pagamento das dívidas, levando-os a uma renegociação e a limitação de créditos, isso quando não há o total impedimento dos moradores conseguirem outros empréstimos. A situação se torna um pouco mais complicada devido aos avalistas exigidos em qualquer aquisição de crédito no Brasil, serem os próprios vizinhos, o que forma uma reação em cadeia em relação à inadimplência estabelecida, e como consequência, ocorre o impedimento de outras famílias se desenvolverem por terem que pagar dívidas por elas não adquiridas.

Percebemos então que os problemas de um assentamento perpassam a liberalização do terreno para usufruto, as questões políticas, econômicas e ambientais são rotineiras aos assentados da antiga Fazenda Bradesco. Os grupos que lá estão se organizam em associações, cooperativas e grupos de mulheres que para além de reivindicações comuns, buscam a sobrevivência com os meios que lhes são disponíveis no momento.

Com tantos problemas relevantes a questão de sobrevivência tirada da terra ganha, a educação passa a ser um fator que apesar de preponderante na vontade das famílias, corrobora para o aumento dos problemas, isso porque as estruturas das escolas dispostas à comunidade ainda são precárias e como em algumas regiões do Assentamento Pe. Josimo Tavares ainda não possui energia elétrica o que já constitui um sonho de muitos moradores que esperam por isso há anos, dificulta a educação não somente dos adultos, mas, dos jovens, que junto aos mais velhos, trabalham o dia inteiro em suas terras ou em empreitadas.

Mas ainda há traços de alegria no rosto dessas pessoas, elas vivem suas tradições e compartilham suas experiências, o Assentamento Pe. Josímo Tavares é constituído de uma diversidade cultural, ali se encontram paraenses, maranhenses, piauienses dentre outros, e com as dificuldades advindas dessa pluralidade cultural e seus benefícios é que vão escrevendo sua própria história, quando assim, já não há memória vivida.

Mulheres e memórias nos caminhos e descaminhos da história vivida.

História vivida e sofrida que encontra na linha do tempo o marco de construção memorística. Não um tempo comum, mas o tempo de criança, de jovem e, mas aguçadamente de adulto entrando no ignorado mundo da velhice que por sua vez é o momento em que os afazeres do dia a dia já não consomem o tempo com o laborar é nesse espaço do vazio que se abre à janela das lembranças, do pensar a vida e os momentos que por vezes teimam em aflorar na memória.

As lembranças que carregam em sua maioria traços de ressentimentos expressam os caminhos e descaminhos que a Dona Elizabeth e suas vizinhas viveram. Ressentimentos esses que por serem mais tocante no mundo sensível dessas mulheres acabam por deixar suas marcas fortificadas na história de vida das mesmas. Em entrevista dona Elizabeth³ nos conta:

[...] Eu nasci e me criei na Vaqueta-Jilbuéis (PI), lá é só tio, irmãos e sobrinhos que mora lá, são as famílias, é um povoadim, assim, umas doze casas, só de família. Eu fui criada trabalhando muito na roça, dano duro pesado pra manter a minha mãe, só vivia doente na hora de morrer, teve um ano que ela passou em Goiânia (GO), nós ficamo em casa, eu cuidando dos menino mais pequeno, eu era que cuidava. Nós era sete irmão e trabalhando na roça, nas desmancha, eu era malcriada, mas minha mãe dava ordi e nós cumpria; e trabalhano muito! Mas eu era o braço direito da minha mãe, porque ela tinha muita confiança em mim, era dos negócios, de arrumar negócios pra ela e pouco ela deixava eu estudar, eu era o morão da casa, ajudava ela, não tinha como eu estudar porque lá não tinha estudo perto. Uma vez quando eu sai, ela arrumou pra eu estudar, só foi uns três mês, ela disse: não eu num deixo! Disse que era muito difícil pra ela né dá conta de trabalhar, só vivia doente, e eu era que levantava pra cuidar dela, quando era de noite eu levantava pra fazer um chazinho pra ela, então ela não deixava eu sair. Nós era sete irmãos e os mais véi foro saindo pra estudar, minha irmã mais nova tinha chance pra estudar, eu não, minha mãe sempre me segurou pra num estudar, porque eu trabalhava mais, toda vida fui trabalhadeira. Eu levantava cedo as quatro da madrugada ia panhar água longe na cabaça, carregando subindo a ladeira. Panhava lenha, pisava arroz pra deixar tudo prontim pra mim ir pra roça. Ia cuiê feijão nas roça alheia, arroz, quebrar mamona, nas desmancha de porvilho pra comprar as coisas, era assim a minha vida. Nunca foi bom de chuva, num era muito bom de chuva, só fazia mais plantio em janeiro, era época do povo plantar arroz [...]. (Elizabeth 20/01/2008).

As lembranças deixam explícito o tempo em que nelas se operam, nesse caso, uma parte da infância e da adolescência. Essa fase da vida de Dona Elizabeth é trazida

³ Elizabeth Rodrigues Lopes de Oliveira entrevistada dia 20 de janeiro de 2008 na chácara São João no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia – PA.

pela memória como uma fase sofrida, assim, como ela mesma diz, uma vida sempre sofrida. O dia a dia do trabalho não comum hoje a maioria dos adolescentes é demonstrada pela sua fala como um momento de dificuldades, uma experimentação de uma parte do mundo adulto que é consagrado ao trabalho, a responsabilidade e as questões sociais. Imerso a isso, essa mulher expressa essa lembrança como um ressentimento, pois está intimamente ligada as necessidades materiais e emocionais que marcaram esse momento de sua vida e sua participação no coletivo que não deixa de ser um caminho em busca da memória um dia vivida.

Não só a sua vida, mas a de suas vizinhas que apesar de viver em Estados diferentes enfrentaram dificuldades similares no que tange as necessidades básicas garantidas constitucionalmente como direito a saúde e a educação.

[...] Meus pais se separou eu tinha nove anos, eu comecei a trabalhar num restaurante lavando vazia (louça), tratando frango, nós morava em Bela Vista (PA), eu morava com a minha mãe, ela também trabalhava no restaurante só que era fazendo comida, eles me pagava quarenta reais por mês, eu ia 07:00 horas e saia as 11:30 tinha meia hora pra mim banhar pra puder ir pro colégio, saia 17:30 do colégio ai voltava lá pra arrumar a conzinha pra no outro dia ficar mais fácil e eu levava o mês todim era assim; era muito difícil porque assim, essas menina hoje de nove ano é só brincar estudar, eu não tive essa vida de brincar, foi trabalhar pros outros. quando foi com onze anos foi o tempo que eu fui pra Palmas (TO) passei três anos pra lá, com três anos que eu tava lá eu voltei, ai eu trabalhei seis mês em Colinas (TO) de doméstica, ai voltei pra Bela Vista de novo fiquei lá mais seis meses de doméstica também. Durante esses seis meses que eu tava lá eu estudei ai eu arrumei um esposo fumo morar junto, a gente ficou trabalhando na fazenda um ano, trabalhando, ele trabalhava de gato. Foi no mês de novembro eu engravidei da Tatiane, eu não tinha dezesseis anos ainda, eu ganhei a Tatiane eu tinha dezesseis anos, eu achei muito difícil, num estudei, num estudei o suficiente, porque se eu tivesse estudado já taria muito avançada nos estudo. Mas só que mesmo assim eu sô feliz porque tenho meus dois filhos, quando a Tatiana tava completando quatro anos eu tive o Wemerson que nasceu em 2003, ai eu tenho o Wemerson e a Tatiane [...]. (Elionete⁴ Ribeiro Souza Soares).

O que nos chama atenção é que as lembranças que constituem a memória estão relacionadas a marcos que estão no âmbito da materialidade e da subjetividade. Na matéria quando ocorre uma mudança de lugar, a carência de algo material, uma carência de condições econômicas para uma vida com mais possibilidades. Subjetivo quando ligado ao emocional, atinge a face dos ressentimentos de angústia, humilhação e por vezes agonia, dos momentos em que se deixou de viver uma fase da vida, e aqui

⁴ Elionete Ribeiro Souza Soares entrevistada dia 25 de julho de 2007, moradora do Assentamento Pe. Josímo Tavares – conceição do Araguaia – PA, membro do grupo de mulheres.

podemos citar a infância, para vivenciar experiências que tange o mundo dos adultos, das responsabilidades e da pressão do trabalhar para se sustentar e ajudar a sustentar a família.

[...] Minha mãe morreu eu tinha dez anos, aí eu fiquei cuidando da casa e dos irmãos, então quando eu cresci sendo uma dona de casa, num tive oportunidade, casei com dezesseis anos, eu nunca tive esse gosto assim de eu passear, de me arrumar, eu já de menina eu já fui mãe, porque minha mãe quando morreu eu cuidei de cinco menino, nós morava em Floriano (MA) Meu pai, ele trabalhava, botava muito peão pra trabalhá, aí eu que era a dona de casa. Eu fazia dicumê ia deixar na roça, eu pequena, mas eu tinha que da conta de fazer, fazia comida e ia deixar na roça. Eu já fui sofrida, já sofri muito, e num tinha esse negócio de ter água perto, era longe pra ir buscar com a cabaçinha na cabeça. Arroz tinha que pilar e limpar, eu era magrinha de tanto trabalhar [...]. (Maria de Lourdes⁵ 23/01/2008).

Ouvir a voz dessas mulheres é atentar para o que elas não falam. A lembrança que têm do passado estão relacionadas ao mundo do trabalho informal, cansativo e inadequado, mas que surge como a única saída de sustentação. Porém, quando deixam de narrar sobre experiências comuns a cada fase da vida como infância e adolescência, podemos perceber a ausência dessa experiência dentro dos padrões naturais que ocorrem nessas fases, mas também fica implícito que as políticas sociais não conseguem atingir todas as expectativas objetivadas pelos projetos sociais e porque não dizer uma educação na amplitude máxima da palavra que possa favorecer o afloramento de todas as capacidades humanas.

Para além de fases da vida roubadas por tamanhas necessidades e responsabilidades, as mulheres representam um forte apoio para a sustentação da família, essa característica é comum no meio rural, o que é incomum é o reconhecimento pelas instituições públicas e financeiras que a mulher é um fator de peso na política da agricultura familiar e o reconhecimento político das mesmas na tomada de decisões junto aos homens nas reuniões de associações onde a voz da mulher nem sempre é colocada.

Sobre essa inserção da mulher nos mecanismos institucionais Ligia Albuquerque de Melo(s/d p.8) faz a seguinte afirmação:

⁵ Maria de Lourdes Martins de Souza, entrevistada dia 23/01/2008 no Assentamento Pe. Josimo Tavares – Conceição do Araguaia – PA, membro do grupo de mulheres.

[...] No Brasil, as políticas de desenvolvimento voltadas para o setor agrícola, não gera, não contemplam o gênero. Através de mecanismos, às vezes sutis, outras vezes explícitos, de ordem legal, cultura, político ou estrutural estas políticas se não impedem, dificultam a participação da mulher, não somente como beneficiária direta, mas na condição de agente do processo [...].

Essa afirmação é coerente devido a seguinte questão: os programas de desenvolvimento rural omitem o gênero. Como é o caso do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF. Este foi criado pelo Decreto N° 1.946 em 28 de junho de 1996 no âmbito do Ministério da Agricultura e Abastecimento onde permaneceu até o ano de 1999, quando passou para a esfera do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Sua principal característica condiz ao tratamento dado a agricultura familiar e tem como objetivo geral o fortalecimento da mesma como segmento produtivo gerador de emprego e renda, essencial processo de desenvolvimento rural, como também proporcionar aumento da produção agrícola, a geração de ocupações produtivas da renda e de qualidade de vida dos agricultores familiares. Dessa forma entre seus objetivos estão os ajustes de políticas públicas a realidade da agricultura familiar; a viabilização de infra-estrutura rural necessária à melhoria do desenvolvimento produtivo e da qualidade de vida da população rural; o fortalecimento dos serviços de apoio ao desenvolvimento da agricultura familiar; melhorar o nível de profissionalização dos agricultores, proporcionando-lhes novos padrões tecnológicos e gerenciais e por fim, favorecer o acesso de agricultores familiares e suas organizações ao mercado.

Como o próprio nome sugere o Programa tem como clientela os produtores agrícolas familiares, dessa forma, a perspectiva de gênero no que tange a semântica da língua portuguesa caracteriza uma omissão do gênero. Isso se reflete na estrutura do Programa que é composta pelas três instâncias governamentais onde a presença masculina ainda é maciça. Essa ausência do gênero também é percebida no rol dos beneficiados, isso porque das organizações dos agricultores familiares, compostas pelas associações e cooperativas, as mulheres estão praticamente ausentes (MELO s/d p. 11). Em sua maioria, estas organizações são formadas por agricultores do século masculino, mesmo quando a mulher desempenha uma importante participação.

Por ser categorizado como um trabalho gratuito na maioria das vezes, o trabalho realizado pela mulher na agricultura familiar é considerado como uma “ajuda”, e essa

afirmação nos faz atentar para a falta de reconhecimento da mulher que o seu trabalho é uma atividade econômica.

O fato de existir um Programa dessa amplitude para a agricultura familiar, não significa que em todos os locais em que é atuante a situação dos agricultores seja das melhores, isso devido aos problemas relacionados com os créditos cedidos pelo programa e com as cooperativas que prestam assessoria técnica aos agricultores, é o que deixa explícito a fala de Neutina:

[...] Quando nós tem um projeto, a COPIVAG e EMATER, nós paga pra ela, quando nós vem receber num projeto desse, nós paga pra ela e não tem assistência dela. Quando nós faz um projeto, já paguemo pra cooperativa pra nós ter assistência, fora o que tem que pagar pro banco, nós tira um pouco pra Associação, e tem que pagar tudo pro Banco, se ficar faltano um centavo eles num recebe. Se nós precisa de um lá da cooperativa pra vim aqui, “diz eu to lá com uma vaca assim, assim, eu to precisando de vocês lá porque nós num sabe o que nós faz”, num vem ninguém, e quando ainda vem é com uns três dia, ou aquele bezerro já tem morrido e não vem dá assistência. Num tem orientação. Quando um inda passa, ainda dá um pouco de orientação, isso quando a gente fica perguntando, isso os da beira da estrada, pois os que mora afastado nem vê esse povo da cooperativa. [...].(Neutina, 27/07/2008)

Percebemos então que todo o aparato institucional não é suficiente para dar garantias de que as coisas caminham como o proposto pelo Pronaf, a questão adentra as relações interpessoais que por sua vez, estão sujeitos as atitudes humanas e aos problemas burocráticos da região, isso devido o assentamento Pe. Josimo estar localizado em uma região de fronteira e área da Amazônia legal, o que implica em conflitos e interesses de madeireiros e dos políticos da região. Ainda na fala de Neutina podemos perceber outro problema relacionado às linhas de crédito fornecido pelo Pronaf.

[...] Têm gente que já pegou e já cabou com tudo. Cabou com o dinheiro, as vezes vende a terra e outras nem vende, porque ninguém quer a terra, pois têm dívida em cima, aí quem quer uma terra suja. No começo era assim, eu vou ser sua fiadora e você a minha, eles pegavam qualquer um pra fiador, eu num te conhecia e você não me conhecia, num sabia nem o que eu ia fazer, o problema é esse, porque muitos deles foro embora ai todo mundo fica envolvido com o nome sujo. Aqui tá desse jeito. E ai é que a assistência tinha que orientar, dizer, isso é tanto e tanto, mode as pessoa saber se iam dá conta de pagar, se não a região todinha fica prejudicada [...]. (Neutina, 27/07/2008)

As linhas de créditos do Pronaf estão associadas ao financiamento de infraestrutura e serviços nos municípios: financiamento da produção da agricultura familiar, capacitação e profissionalização dos trabalhadores. O que ocorre no Assentamento Pe.

Josimo Tavares é que os empréstimos concedidos não tiveram a aplicação adequada ao projeto de cada família, isso implica diretamente na falta de assistência técnica que leva a produção a não ser concretizada o que por si só já inviabiliza os resultados do projeto e impede o trabalhador rural de quitar sua dívida com o Banco. Como os fiadores são os próprios vizinhos e até mesmo os presidentes das associações que intermediam a transação, sem recursos pra quitar a dívida, estes ficam impossibilitados de fazer novos empréstimos, pois se cria um ciclo e grande parte dos moradores ficam envolvidos com a dívida.

Mesmo não sendo elas, as mulheres, as receptoras dos benefícios, estas percebem os problemas que cercam a política de distribuição dessa renda. Na tentativa de inserção e reconhecimento diante das políticas do assentamento. Algumas mulheres se esforçam e criam pequenas cooperativas de cunho econômico para conseguirem não só uma renda, mas, o reconhecimento e o respeito pela sua participação. Desconhecer o trabalho da mulher na agricultura familiar é torná-la invisível, é ignorar a sua contribuição econômica na produção agrícola.

As tentativas do grupo de mulheres na região da Inã, dentro do assentamento, demonstram as diversas dificuldades que enfrentam aquelas que se dispõem a participar do grupo.

[...] Nós num tinha nem um material, tinha que comprar primeiro, nós só tinha uma vazilha. Nós ainda num tem renda, como a Didi, ela já começou com a renda dela. Ai as mulher exigiu o dinheiro, nem trabalhou e já queria, essas já saíro, elas num entende, pensa que a gente é que ta ficando com o dinheiro, aí é que eu digo cadê a união? [...] (Neutina, 27/07/2008).

A falta de orientação e norteamento às mulheres do assentamento prejudica a formação da cooperativa, não que estas não tenham vontade de vencer, essa não é a questão mais pertinente, o que falta é uma instrução mais organizada e o acompanhamento pela assistência técnica que não atende bem as questões levantadas pelas mulheres.

[...] Lá no Minerim nós ia nas reunião dos grupo de homem, da cidadania da mandioca. Aí começaram a falar que tinha que ter os grupo de farinha e tudo mais, ai disseram: porque não funda o grupo de mulher, fiquemo mechendo, um dia numa casa outro dia em outra. A EMATER toda semana vinha pra casa de cumpade Salvador, e eu ia reunir pra conversar, fazer os planejamento, pra ver como é que ia ser , fazer surgiu alguma coisa assim. Eles vinham pra fazer uma reunião, o João estava dentro do grupo dos homens, mas quando o João não tava aqui, eu que ia, e eles falavam: e o grupo de muié? Eu dizia, o grupo acabou, esmoreceu. E eles dizia: não, arruma as muié. Eu sei que fui mexendo, conversando até que um dia

marquemo a reunião. Antes eu só participava do grupo dos homen, ai a Lenice da Emater trouxe umas muié lá da Ingá (região de outro assentamento no município de Conceição do Araguaia), aí nós animemo. Compramo um pouco de coisa pra não ta pegando nas casas, aprendemos com elas, ai eu disse, vamo fazer, vamo trabalhar, fizemo requeijão, queijo, iogurte e doce, vendia tudo, só mermo pros conhecido, os doce num dava pra nada, logo acabava. Entrou duas muié, viro que tava dando certo, começou entrar dizendo que queria dinheiro, que nós tinha que pagar desde o dia da reunião, ai eu disse? Vamo parar um pouco pra dá um controle [...]. (Elizabeth, 20/01/2008).

A participação das cooperativas na organização do grupo de mulheres desse local limitava-se a dar orientações para a formação do grupo, o acompanhamento e instrução contínua não se fazia presente, e eram as próprias mulheres que tinham que arrumar o dinheiro para a incitativa. Para além dos problemas estruturais, existe ainda a falta de uma orientação pedagógica de gerenciamento e organização, uma consciência mais politizada que algumas mulheres não dispõem. Um fato interessante a ressaltar é que as mulheres começaram a desenvolver projetos participando de reuniões destinadas aos homens, e na fala de dona Elizabeth, já é perceptível a relação de gênero quando a mesma identifica um universo masculino que nesse caso, o grupo de homens, e é a partir desse outro, o homem, que se busca uma organização para as mulheres que possa atingir os interesses das mesmas.

A participação das mulheres na vida social começa então a ter outra conotação, não que estas deixam de cumprir suas obrigações do universo doméstico, elas atuam assim, como algumas mulheres que vivem nas cidades em dupla e até tripla jornada. É o dia a dia, os descaminhos que com o passar dos anos muitas das experiências viram história e estórias, assim, vai se formando a memória.

Em certa entrevista com Dona Elizabeth, cuja já havia terminado, continuamos com uma conversa mais informal, ela foi tomada por um silêncio angustiante como se quisesse que desligássemos o gravador. Seu olhar brilhava a esperança, o sonho, mas suas palavras nos diziam o contrário. Ela começou a narrar uma situação de violência contra a mulher, acontecia como uma das vizinhas.

“No começo ela tinha a terra no nome dela, pois era separada e tinha dois filhos, casou-se com um vizinho que começou a judiar dela, batia nela e as vezes nos meninos. Quando a gente ia pra cidade, no ônibus eu encontrava ela, as vezes tava com marcas no rosto e nos braços, dizia que tinha caído da moto, mas eu já desconfiava. Ela não assumia que apanhava, tinha vergonha e a sua família dizia que ela era culpada, que o esposo não era ruim assim. Nada se fez, e o fim se deu com vários traumas de tanto apanhar, ela ficou muito doente, teve que ir pra Palmas (TO) pra tratar, a vizinha que acompanhou ela disse que o médico mostrou os exames de Raio – X com várias marcas como se ela apanhasse de facão, e disse que se fossem

denunciar o caso ele poderia ser testemunha. A família dela não reagiu; e antes morrer, ela entrou em estado de loucura, perdeu a voz, os movimentos, ficou na cadeira de rodas por um tempo e depois morreu”.(Elizabeth 20/01/08).

Esse acontecido deixou os moradores indignados, não só as mulheres, mas também alguns homens. Para além da indignação, fica registrado na memória dessas mulheres um ato de apreensão, de dor, e revolta, medo o que segundo Pierre Ansart está na categoria ressentimentos que por sua vez, serão carregados durante a vida. A família da mulher violentada só reagiu depois que ela morreu, mas mesmo assim, os trâmites legais são demorados em alguns locais da região Norte, e as pessoas pouco acreditam que a justiça será feita.

Vidas corridas, sonhos roubados, diante de tanto trabalho o sonho de aprender a ler e a escrever ficam perdidos no tempo e nas lembranças que por vezes insistem em voltar e fazer os olhos brilharem, mas não de alegria, mas de lágrimas que expressam um desejo.

[...] Eu nunca estudei, não, nunca tive chance pra estudar. Eu sonhava, sonhava estudando, queria e eu tinha cabeça. Coisa mais que eu tinha vontade no mundo era de aprender. Eu tinha inveja quando via uma pessoa pegar uma carta e lê inveja mesmo eu tinha se é pecado, eu tenho. Mas num tive oportunidade, minha tia pelejava, Vicente, bota essa menina pra aprender. E ele não, minha filha num vai pra escola não, muié que estuda só presta pra escrever pra macho. Esse era o pensamento de meu pai e ele é bom de leitura, ele sabe ler, estudou, foi pouco sabe, mas ele sabe. Então eu num sei o que foi passar um tempo bom [...]. (Maria de Lourdes 23/01/2008).

Sonhos que se perderam, trabalhos que apareceram na fase de casada, quando trabalhava como quebradeira de coco, no Maranhão.

[...] Eu cansei de quebrar coco, quando eu chegava lá num tinha coragem, um barrigão, num tinha coragem nem de quebrar o coco, até quando eu suava que criava coragem. Mas eu tinha que fazer, era por obrigação fazer, porque se eu num fizesse aquilo eu num pegava o dinheiro pra comprar minhas coisa que eu tinha precisão. Ou doente ou sem doente tinha que fazer, barrigão, só parava no resguardo [...]. (Maria de Lourdes 23/01/2008)

Essa realidade expõe que a idéia de que a mulher não trabalha efetivamente na agricultura familiar é uma interpretação distorcida. É preciso achar as mulheres, descobri-las para que elas mesmas possam repensar suas vidas e se manifestarem. A vida em um assentamento não é fácil, mas antes de ter um terra pra morar com a

família, tanto as mulheres como os homens enfrentam realidades difíceis, e estas por sua vez deixam em suas memórias as marcas de um história de sofrimento.

[...] Eu nasci no Uruçuí (PI), mas eu sei falar assim de Corrente (PI) mesmo, eu gostava de lá, quando meus pais morava lá, eu casei eu tinha 12 anos, meu pai pegou vei pra cá, ai eu fiquei lá mas meu marido. Ai meu marido faleceu eu tava gestante de três mês, eu achei ruim, minha mãe só fez te eu e me entregou pra Helena e Zezão, eu fui criada por eles, ai quando ele morreu eu achei ruim, e pedi pro meu pai que tava aqui no Pará vim me buscar.

Ai eu fui pra Redenção (PA) eu fiquei achando ruim né porque eu nunca vivi na cidade sempre foi na roça. Fiquei trabalhando lá de doméstica, eu ganhava pouco, trabalhava muito, sábado, domingo, num tinha disso, era todo dia, ai eu falei pro meu pai, vamo caçar um jeito de ir pra uma terrinha. Ai pai pegou e arrumou terra pra nós, ai vei pra cá pro Lote 17, ele comprou com o dinheiro de aposentadoria que eu tinha de quando meu marido morreu e naquele tempo a terra era bem baratinha. Eu trabaiava doente pra mandar o dinheiro pro meu pai ir pagando a terra, que o dono disse que podia ir pagando devagar. Ai quando eu fui pra terra descobri que meu pai num tinha pagado nada, só bebendo, e ai o dono vei em cima querendo a terra. E ai fui indo e eu disse “sabe pai eu acho que eu vou embora” só que era muito difícil, eu num sabia lê nem nada, só estudei a primeira série, ai eu conheci o Salvador e ele me chamou pra morar com ele, foi dando certo e ta mo até hoje. Essa terra aqui foi ganhada, nós foi pro acampamento com meus menino.

A vida no acampamento num era muito boa não, a água era longe, a cesta de alimento que eles dava pra nós era pouco, só a quantidade do dia. Tinha muita gente, nós fazia a barraquinha de lona e de páia, e era aquela vida. Tinha muita violência, tinha festa ai o pessoal brigava. Ai hoje aqui ta bom pra nós [...]. (Maristela⁶ 02/08/2008)

A vida antes de chegar à sonhada terra é cheia de percalços, dificuldades que implicam em sofrimento. Essas dificuldades pela qual a maioria das mulheres agricultoras passaram e passam mostra a força e a vontade de mudança, uma mudança na qualidade de vida, e essa busca faz com os filhos dessas mulheres possam viver em situação mas amena e com mais possibilidades.

Para além da mudança da vida dos filhos, as mulheres passam a se unir em pequenos grupos para tentarem uma forma de levantar uma renda, daí a tentativa do grupo de mulheres que já é a manifestação de uma vontade mais politizada e organizada. Apesar de ainda não ter os resultados desejados pelas mulheres o grupo já representa uma atitude política de busca por direitos das próprias mulheres.

Dentre os sonhos dessas mulheres o que mais se destaca é a vontade de estudar, e essa palavra vem associada ao aprender, aprender a escrever e ler, a busca pelo saber, e o fato de não saber ler e escrever gera na memória dessas mulheres ressentimentos, preconceito e humilhação.

⁶ Maristela Ferreira Pinheiro, moradora do assentamento Pe. Josímo Tavares, entrevistada dia 02/08/08).

[...] Eu to aprendendo lê agora, eu já sabia juntar as letras, o professor fala pra mim no desistir, eu quero continuar, eu no sabia botar meu nome agora eu já sei. É muito feio que achava assim, quando chegava num Banco pegava o papel eu olhava assim pras pessoas parece que ficava rindo de mim. E eu disse que o dia que tivesse a aula aqui dos adultos eu ia entrar na aula pra aprender. Eu sentia que ficava rindo na frente da gente. Quando falava assim assina, e eu num sabia, eles ficava rindo assim, eu sentia né. Ai eu sempre pedia a Deus que meno o nome eu ia dá conta. No grupo de mulheres eu espero que nós continue, fazer curso, ter uma renda e aprender mais coisas [...]. (Maristela. 02/08/2008).

No que diz respeito à infra-estrutura do local os feitos que beneficiam a população são poucos, a parte da saúde fica limitada a um posto de saúde localizada na sede da antiga fazenda, a quilômetros de boa parte das famílias, a educação já existe porém com suas restrições, no caso da educação de jovens e adultos as dificuldades são visíveis, desde o local sem estrutura alguma, apenas um barracão aberto sem energia elétrica, a iluminação que era no lampião diz dona Lourdes, para além das dificuldades que os alunos do noturno apresentam como a carência de uma boa visão, dificuldades para assimilarem o conteúdo dentre outros.

A energia é uma expectativa para os moradores, alguns já têm, outros ainda esperam.

[...] O projeto da energia feito pela a associação veio até o seu Salvador, agora diz que vai vim a energia para todos, só que nós num sabe se vai chegar aqui este ano. Eu sei que a região da Xibiu foi contemplada, beneficiada, pra cá ainda não. Eu ouvi no rádio, teve a reunião com Ana Júlia (governadora do Estado), ai eles disse que único que foi contemplado foi eles. As coisas que a gente fica sabendo é pelo rádio, a não ser quando tem reunião e os presidente das associações informam. Mas eles num faz esforço pelos agricultô né, é igual quando eles fazem o projeto ai a gente já paga os técnico, mas ninguém vêm, eles só faz assim, olha as coisa e diz que ta bom, mas num trabalha de verdade [...]. (Elionete, 20/01/2008)

A memória das mulheres como podemos perceber é marcada por acontecimentos que envolvem o coletivo, seus olhares e ouvidos percebem um mundo do grupo, é uma representação que se forma do que é necessário no individual. O rádio por sua vez se torna o meio de comunicação imprescindível para algumas regiões, não só para informações a nível nacional, mas principalmente para os recados que são anunciados em um programa da Rádio Regional do Araguaia em dois horários, às nove da manhã e ao meio dia, no programa Mensagens para o Interior.

Sobre a ocupação da reserva florestal em janeiro de 2008 que fica dentro do assentamento, Elionete nos diz o seguinte:

[...] Meu irmão tava no acampamento aqui dentro da reserva, ele foi tirado dia 7 de dezembro, o pessoal do INCRA que veio tirar, o dia que veio foi só o INCRA, veio mandado pelos policiais, porque os policiais dava pouco tempo pra tirar as coisas, e aí ele tinha muitas coisinhas, aí se num tirar eles queima tudo. Aí com três dias que tinha tirado os policiais veio pra fiscalizar, e botou fogo nas casas. As roças só iam colher as que tivessem perto da estrada e era pra formar um grupo dos acampados pra poder ir pegar. Tem muita roça. Nem todos precisavam de terra, a maioria era contrabandista, pra arrancar madeira e vender, nem roça num fez, só ficou na terra, tem deles que nem ficou na terra, só vinha tirar a madeira, os caminhões pegavam de noite porque o IBAMA começou a fiscalizar. O IBAMA vem aí passa uns dias, quando vão embora os caminhões entram de novo pra levar madeira, tem muitos que fingem que vem buscar gado [...]. (Elionete 25/01/08).

A ambição por madeira na região é muito grande, nas cidades mais próximas há muitas madeireiras e serrarias, faz parte do comércio da região. Um problema para a política de acampamentos no Pará se dá em torno dessa questão, muitas vezes grupos de pessoas acampam em determinadas áreas da Amazônia legal orientada pelos madeireiros. Situações desse cunho envolvendo o INCRA estão sendo investigadas pela Polícia Federal.

Esse é o universo em que vivem essas mulheres e o lugar em que suas memórias e ressentimentos se ancoraram, seus sonhos são muitos, mas a desesperança já aparece na fala, no olhar daqueles que lutam e nem sempre vêem chegar o resultado.

“Eu queria tanta coisa”! Exclama dona Elizabeth com a voz mansa e compassada como se passassem em sua mente todos os seus desejos. “hoje eu perdi a esperança”. Direitos desrespeitados como ocorre com Dona Neutina “O tanto que eu já trabalhei, eu já sofri aqui na roça e num tenho nada, na idade que eu to, 53 anos, já na idade de aposentar, aí num aposenta”. Sonhos e desejos que lutam em insistir na concretização.

Considerações finais

A luta por melhorias sociais implica diretamente na luta pelo bem comum a todos. As bandeiras levantadas tanto pelas mulheres que a princípio tiveram no feminismo o alarme de ação e por aqueles que lutam pela reforma agrária perpassam os objetivos mais singulares a suas lutas. À medida que as mulheres buscam sua inserção em todas as instâncias sociais e coloca suas motivações iniciais de igualdade de gênero, automaticamente a sociedade passa por uma transformação de valores intrínsecos ao ser humano, valores estes que estão em todas as relações sociais estabelecidas.

O caminho percorrido só demonstra o quanto ainda tem que ser feito, algumas mulheres hoje já estão vivendo algumas conquistas, mas, os extremos persistem, pois há

mulheres que ainda sofrem a falta de uma simples condição de vida que lhes permitam sentir um pouco de conforto. Há mulheres, e o fato dessa palavra está no plural já expressa a magnitude das mudanças que terão que ser feitas. Mulheres sofridas, mulheres vividas. Vidas que demonstram a diversidade de problemas que encontram as mulheres que não possuem o saber das academias. As mãos calejadas de cocos já quebrados representam à história dos que a desconhecem. As mulheres lutam e o reconhecimento vem aos poucos. As imagens delas como sujeitos ativos na luta pela terra e no trabalho nesta já marcam presença nos folhetins educativos do MST e na divulgação de programas para a agricultura familiar.

Bibliografia

ANSAR, Pierre. “*história e memória dos ressentimentos*”, in Stella Bresciani e Marica Naxara (orgs), *Memória e (res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*, Campinas, Editora Unicamp, 2001.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade*. SP. Cia das Letras.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*/Organizadoras : Stella Bresciani e Márcia Naxara. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CERTEAU, Michel de, 1952-1986, *A escrita da História*/ MENESES, Maria de Lourdes. 2^a.ed. – Rio de Janeiro: Forense editora, 2007.

DEL PRIORE, Mary. *Uma história da vida rural no Brasil*/ Mary Del Priore, Renato Venâncio. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ERTZOGUE, M. & PARENTE, Themis (org.). *História e Sensibilidades*. Brasília. Paralelo 15, 2006.

Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás. V. 1, n. 1 (1973) – Goiânia: Ed. Da UCG. 1973 – Bimestral.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A Territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Brasil*. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. UNESP/Presidente Prudente, jul./98, p. 32.

MELO, Lígia Albuquerque de. *Gênero: Da Omissão á invisibilidade*.

MORISSAWA, Mitsue. *A História da luta pela terra e o MST*. SP. Expressão Popular, 2001.

NORA. Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*.

NÓVOA, Jorge, *A Ciência histórica e os pensadores ou a razão poética como pensamento orgânico – crítico: Elementos para a reconstrução do paradigma*

historiográfico. POLITÉIA: Historia e Sociedade, Vitória da Conquista, v.4 n, 1 p. 13-66, 2004

SILVA, Cristiani Bereta da. *Homens e mulheres em movimento. Relações de Gênero e Subjetivos no MST*. Florianópolis. Momento Atual 2004.

TAVARES, Josimo Morais. Páscoa- Paz. In: CPT- *Pe. Josimo: a velha violência da nova república*. Goiânia: CPT.1986.p.39-42

THOMA, Andréa Cristina. Levantamento Institucional ASMUBIP . In: REDE MULHER DE EDUCAÇÃO. *Mudando o Mundo com as Mulheres da Terra: Capacitação de Lideranças Trabalhadoras Rurais e Extrativistas*. São Paulo, 2001.

Fontes Orais.

- Elionete Ribeiro Souza Soares, participante do grupo de mulheres. Entrevista realizada no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia nos dias: 25/07/07; 25/01/08; 23/01/08; 26/07/08.
- Elizabeth Rodrigues Lopes de Oliveira, moradora do Assentamento e líder do grupo de mulheres. 16/07/07; 01/08/08; 03/08/08; 20/01/08.
- Maria de Lourdes Martins de Souza participante do grupo de mulheres. Entrevista realizada no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia nos dias: 23/01/08; 30/07/08.
- Maristela Ferreira Pinheiro participante do grupo de mulheres. Entrevista realizada no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia – PA dia 02/08/08.
- Neutina Lima Guimarães Costa, participante do grupo de mulheres. Entrevista realizada no Assentamento Pe. Josímo Tavares – Conceição do Araguaia no dia 28/07/2008.